

ANAIS

9<sup>o</sup> Simpósio  
de Pesquisa  
e  
15<sup>o</sup> Seminário de  
Iniciação Científica | SPPAIC

ARTIGOS



núcleo de pesquisa  
acadêmica  
**FAE**

ISSN 2594 5246

**FAE**

## CAPITU E LILITH: SUBMISSÃO E LIBERDADE FEMININA

Angélica Alves de Lima. Graduanda do Curso de Letras Português e Inglês, e respectivas literaturas, das Faculdades Integradas Santa Cruz.

Contato: angelica.krueger@gmail.com

### RESUMO

O presente artigo traz como problemática a liberdade e submissão da personagem Capitulina ou Capitu, como é carinhosamente chamada, na obra Dom Casmurro, do escritor Machado de Assis. Analisou-se, por meio de citações da própria obra, como também de outros autores, os aspectos da personalidade de Capitu que a aproximam de um arquétipo da personagem mitológica Lilith. Pois, assim como Lilith, Capitu em vários traços não se rende em completa submissão a Bentinho e seus devaneios, mantendo-se superficialmente livre. Fora explorado também o relacionamento do casal, crises de ciúmes e discussões. De maneira breve, foi investigado a possível traição e a dúvida, apresentada por Dom Casmurro, sobre a paternidade de Ezequiel.

Palavras-chave: Submissão. Machado de Assis. Arquétipo. Capitu

### INTRODUÇÃO

Dom Casmurro, obra de Machado de Assis publicada em 1900, é um romance da escola literária do Realismo, narrado em primeira pessoa. Ao folhear as primeiras páginas do livro, pode-se observar que Capitulina, desde muito moça, mostra-se independente e decidida, sobretudo emocionalmente. Ao analisar nas entrelinhas seu relacionamento com o personagem Bentinho, vê-se que Capitu, como também é chamada, possui um nível de maturidade elevado e uma visão diferente de futuro. Não obstante, — a clareza da paixão que ambos sentiam um pelo outro, Capitu está ciente que a vida poderia lhe apresentar dificuldades e separá-los um dia. Quiçá necessário, tomariam rumos diferentes. Capitu é quem apresenta tal solução e aceita o futuro, a contragosto do que seu coração deseja. Bentinho, por outro lado, revolta-se, como o adolescente apaixonado e sensível que é, deixando-se levar por suas emoções. Todavia, futuramente, isso desencadeia o fim de sua

relação com Capitu de uma maneira tortuosa e dolorosa para ambos, causando cicatrizes permanentes. Conclui-se que há diversas semelhanças entre os caminhos trilhados por Lilith e Capitu, como será observado no decorrer do artigo.

## 1 A MULHER E A SOCIEDADE

Como dito anteriormente, o livro foi lançado em 1900. Nesta época, o papel da mulher na sociedade não era de grande destaque como atualmente. Desde o início da obra, pode-se observar que Capitu é um espírito livre por natureza. Brinca sozinha, entoa suas cantigas e, após a morte de sua mãe, assume os negócios da casa e toma conta de seu pai. Nos mínimos detalhes, observa-se a independência de Capitu, elemento que, aos olhos do mundo nesse período, não era bem-visto. A mulher era entendida apenas como um produto para reprodução e perpetuação da família, não como um ser independente, não ocupando um lugar de fala e/ou igualdade aos homens na sociedade, desde o início patriarcalmente moldada.

Faz-se necessário, nesse sentido, considerar a época vivenciada por Assis antes do lançamento do livro. A mulher do século XIX era ensinada apenas a cuidar do lar. Suas habilidades envolviam meramente o cuidar dos filhos e da casa, costurar e bordar ou até mesmo as habilidades artísticas. Mulheres que atingiam a casa dos trinta anos sem idealização de casamento, eram duramente criticadas pela sociedade, inclusive as que possuíam atitudes liberais (como sair desacompanhada, por exemplo). O filme *A Época da Inocência* (“The Age of Innocence”, 1993), retrata o cotidiano de mulheres durante o século XIX, mostrando alguns costumes da época, como se preparar para um casamento, entre outros.

[...] os pais acreditavam que uma educação séria para suas filhas era algo supérfluo: modos, música e um pouco de francês seria o suficiente para elas. Aprender aritmética não ajudará minha filha a encontrar um marido, esse era um pensamento comum. Uma governanta em casa, por um breve período, era o destino habitual das meninas. Seus irmãos deviam ir para escolas públicas e universidades, mas a casa era considerada o lugar certo para suas irmãs. Alguns pais mandavam suas filhas para escolas, mas boas escolas para garotas não existiam. Os professores não tinham boa formação e não eram bem educados. Nenhum exame público (para escolas) aceitava candidatas mulheres (Louisa Garrett Anderson, depoimento escrito de 1839).

A mudança para as mulheres inicia apenas após a Primeira Guerra Mundial, pois devido à perda drástica de homens em guerra, viu-se necessário a substituição e inclusão

de mulheres no mercado industrial (DEL PRIORI; BASSANEZI, 2004). Entretanto, não sob as mesmas condições salariais.

## 2 O ARQUÉTIPO DE LILITH

Lilith, conforme as mitologias suméria, babilônia, assíria, cananea, persa, hebraica e árabe, é um irresistível demônio feminino da noite. A princípio, era conhecida como Lil ou layil (palavra hebraica para noite), tornando-se posteriormente Lilith. A origem desta personagem se dá no início dos tempos. Lilith teria sido a primeira esposa de Adão, que não aceitou ser subjugada por ele, abandonando o Paraíso pelo resto da eternidade. As origens de Lilith são ocultas, apesar de registradas em fragmentos do *Zohar*, espécie de coletânea sagrada que inclui contos, poemas, lendas e reflexões místicas. A obra *O livro de Lilith*, cita a saída de Lilith do Éden:

Deus criou Lilith, a primeira mulher, do modo que havia criado Adão, só que ele usou sujeira e sedimento impuro em vez de pó ou terra. Adão e Lilith nunca encontraram a paz juntos. Ela discordava dele em muitos assuntos e recusava-se a deitar debaixo dele na sua relação sexual, fundamentando sua reivindicação de igualdade no fato de que ambos haviam sido criados da terra. Quando Lilith percebeu que Adão a subjugaria, proferiu o infame nome de Deus e pôs-se a voar pelo mundo. Finalmente, passou a viver numa caverna no deserto, às margens do Mar Vermelho (KOLTUV, 1991, p. 38).

Dentre outros nomes que Lilith recebeu durante o decorrer de sua história, é provável que se encontrem nomenclaturas aplicadas hoje para as mulheres, como podemos observar neste trecho abaixo:

Durante o terceiro milênio antes de Cristo, na Suméria, ela foi, a princípio, Lil, uma tempestade destruidora ou espírito do vento. No século VIII a.C., na Síria, Lilith, o súcubo, foi associada a uma outra figura demoníaca que, anteriormente, tivera uma Existência à parte: Lamashtu, a bruxa assassina de crianças. Sob essa forma, Lilith, a Estranguladora Alada, tornou-se conhecida, em todo o mundo, com os nomes de a Dama de Pernas de Asno, a Diaba Raposa, a Sugadora de Sangue, a Mulher Devassa, a Estrangeira, a Fêmea Impura, o Fim de Toda Carne, o Fim do Dia, bruha, strega, bruxa, feiticeira, raptora e maga (KOLTUV, 1991, p. 13).

Mas como seria Capitu um arquétipo do personagem mitológico Lilith? Para tal comparação, aqui será levado em consideração apenas a psique da personagem e não sua representação religiosa, sendo necessária somente sua introdução histórica.

É possível considerar Capitu um arquétipo, uma psique de Lilith em sua personalidade

e também em seus pensamentos livres, à frente de seu tempo, como no trecho abaixo:

Como vês, Capitu, aos quatorze anos, tinha já idéias atrevidas, muito menos que outras que lhe vieram depois; mas eram só atrevidas em si, na prática faziam-se hábeis, sinuosas, surdas e alcançavam o fim pressuposto, não de salto, mas aos saltinhos. Não sei se me explico bem. Suponde uma concepção grande executada por meios pequenos (ASSIS, 2008, p.43).

A independência da personagem também se destaca no avançar do livro. Após a morte de sua mãe, Capitu assume o papel de “homem da casa”, ao tomar conta de seu pai e das finanças, posição na época da obra não bem vista aos olhos da sociedade quando conduzidas por uma mulher. Como em trechos anteriores, Machado de Assis deixa explícito que a personagem possuía curiosidade e sede de conhecimento, mostrando assim sua independência de uma figura masculina.

Depois da morte da mãe, tomou conta de tudo. Pádua, agora que se aposentou, não faz mais que receber o ordenado e entregá-lo à filha. A filha é que distribui o dinheiro, paga contas, faz o rol das despesas, cuida de tudo, mantimento, roupa, luz; você já a viu ano passado (ASSIS, 2008, p. 159).

Assim como Lilith, que no decorrer dos anos foi demonizada, Capitu em certos trechos do livro também sofre o mesmo processo. A parte de seu corpo que mais possui descrições durante a obra são seus olhos. Muitas vezes descritos com doçura por Bentinho, são também amaldiçoados por outros personagens.

(...) - Juro! Deixe ver os olhos, Capitu.

Tinha-me lembrado a definição que José Dias dera deles, “olhos de cigana oblíqua e dissimulada”. Eu não sabia o que era oblíqua, mas dissimulada sabia, e queria ver se se podiam chamar assim. (...) A demora da contemplação creio que lhe deu outra idéia do meu intento; imaginou que era um pretexto para mirá-los mais de perto, com meus olhos longos, constantes, enfiados neles, e a isto atribuo que entrassem a ficar crescidos, crescidos e sombrios, com tal expressão que...

Retórica dos namorados, dá-me uma comparação exata e poética para dizer o que foram aqueles olhos de Capitu. Não me acode imagem capaz de dizer, sem quebra da dignidade do estilo, o que eles foram e me fizeram. Olhos de ressaca? Vá, olhos de ressaca. É o que me dá idéia daquela feição nova. Trazia não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca (ASSIS, 2008, p. 65).

Entretanto, por mais que o amor de Bentinho por Capitu fosse profundo, fica subentendido no trecho abaixo que o mesmo receava os olhos de ressaca de sua amada, contendo-se para não ser tragado por eles.

Para não ser arrastado, agarrei-me às outras partes vizinhas, às orelhas, aos braços, aos cabelos espalhados pelos ombros; mas tão depressa buscava as pupilas, a onda que saía delas vinha crescendo, cava e escura, ameaçando envolver-me, puxar-me e tragar-me (ASSIS, 2008, p. 65).

Como o personagem José Dias cita, Capitu não transparecia seus sentimentos facilmente, sempre os dissimulando se eram reais. Em vários momentos, a mesma cita que se algo fosse real, ela o dissimularia e se não, nada haveria.

(...) - Com D. Gloria e D. Justina mostro-me naturalmente alegre, para que não pareça que a denúncia de José Dias é verdadeira. Se parecesse, elas tratariam de separar-nos mais, e talvez acabassem não me recebendo... Para mim, basta o juramento que nos havemos de casar um com o outro. Era isto mesmo; devíamos dissimular para matar qualquer suspeita, e ao mesmo tempo gozar toda a liberdade anterior, e construir tranqüilos o nosso futuro (ASSIS, 2008, p. 114).

Confessou-me que não conhecia o rapaz, senão como os outros que ali passavam às tardes, a cavalo ou a pé. Se olhara para ele, era prova exatamente de não haver nada entre ambos; se houvesse, era natural dissimular (ASSIS, 2008, p. 128).

Pode-se observar durante a análise, com base em diversas passagens da obra, que, por mais que o casal se conhecesse desde criança, Bentinho de certo modo não compreendia Capitu como um todo. Talvez tomado por ciúmes em suas crises, que são várias relatadas durante a obra, ou talvez por insegurança. Dentre eles, o adultério e a paternidade de Ezequiel, filho único do casal da Rua de Matacavalos.

### 3 AS IMPRESSÕES E EMOÇÕES DE BENTINHO

Em relação ao tema de ciúmes abordado na obra, pode-se observar abaixo algumas crises relatadas no livro, como também o sentimento de possessão de Bentinho em relação à Capitu.

Jurei não ir ver Capitu aquela tarde, nem nunca mais, e fazer-me padre de uma vez. Via-me já ordenado, diante dela, que choraria de arrependimento e me pediria perdão, mas eu, frio de sereno, não teria mais que desprezo, muito desprezo; voltava-lhe as costas. Chamava perversa. Duas vezes dei por mim mordendo os dentes, como se a tivesse entre eles.

(...) Capitu ria alto, falava alto, como se me avisasse; eu continuava surdo, a sós comigo e meu desprezo. A vontade que me dava era cravar-lhe as unhas no pescoço, enterrá-las bem, até ver-lhe sair a vida com o sangue... (ASSIS, 2008, p. 127-128)

Não lhe bastava ser casada entre quatro paredes e algumas árvores; precisava do resto do mundo também. E quando eu me vi embaixo, pisando as ruas com ela, parando, olhando, falando, senti a mesma coisa. Inventava passeios para que me vissem, me confirmassem e me invejassem (ASSIS, 2008, p. 162).

O livro, em certos pontos, deixa explícito os ciúmes e as emoções do narrador, uma vez que a narrativa se dá em primeira pessoa, e além disso, o próprio Bento Santiago cede a história ao leitor sob suas perspectivas. Ou seja, tudo é passível de análises e olhares diferentes a cada leitura, afinal não há espaço para um narrador oculto e sim, subjetividade e interpretação nas palavras do narrador.

Porém, em outros pontos, fica clara a falta de memória como acusa o próprio narrador, ou talvez o desejo de ocultar detalhes, ou ainda o simples capricho de seus ciúmes e ótica da situação. Entre os detalhes deliberadamente turvados pelo narrador, cabe mencionar a paternidade de Ezequiel brevemente. Em um trecho em que Bentinho se encontra na casa do senhor Gurgel, pai da amiga de infância de Capitu, e este lhe mostra um retrato de sua falecida esposa, o personagem questiona Bentinho se há semelhanças do retrato com Capitu.

Gurgel, voltando-se para a parede da sala, onde pendia um retrato de moça, perguntou-me se Capitu era parecida com o retrato. Um dos costumes da minha vida foi sempre concordar com a opinião provável do meu interlocutor, desde que a matéria não me agrava, aborrece ou impõe. Antes de examinar se efetivamente Capitu era parecida com o retrato, fui respondendo que sim. Então ele disse que era o retrato da mulher dele, e que as pessoas que a conheceram diziam a mesma coisa. Também achava que as feições eram semelhantes, a testa principalmente e os olhos. Quanto ao gênio, era um; pareciam irmãs (ASSIS, 2008, p. 137).

Como o narrador deixa claro, de fato essas semelhanças estão presentes. Todavia, possuído por ciúmes, o mesmo não percebe esse aspecto no momento da acusação à Capitu sobre a dúvida da real paternidade de seu filho. Este é o desfecho do casamento. Mediante a esta acusação, ocorre a separação e logo após, o exílio de Capitu e seu filho na Suíça, com apenas uma professora para ensino da língua do país. Conduzido somente por ciúmes e, de certa forma, sem provas concretas, exceto pela semelhança que alega de Ezequiel com seu amigo seminarista Escobar, Bentinho exila sua doce e amada Capitu para longe. Como o autor deixa claro, em nenhum momento de suas viagens ao exterior visitou-a. Viagens que, como ele mesmo cita, eram apenas para transparecer tranquilidade aos parentes e dar notícias de sua amada família.

Assim como Capitu, Lilith foi condenada ao exílio no mundo exterior do Éden, sem nunca poder retornar ao lar. Observa-se, dessa forma, as semelhanças entre as personagens

em seus pensamentos e ações. Ambas não aceitaram a submissão masculina, acabando por ser condenadas ao exílio longe de suas origens.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, desde os tempos primórdios, a mulher vem sendo retratada eventualmente como um personagem frágil e secundário, com pouco ou sem nenhum direito à escolha. O desejo de liberdade é intrinsecamente ligado ao eu feminino, lutando dia após dia por seu lugar de reconhecimento perante a sociedade. Seguindo essa perspectiva, a finalidade desta discussão foi apresentar semelhanças entre a mitológica Lilith e Capitu, analisando suas trajetórias e pensamentos.

Capitu e Lilith, infelizmente, apresentam desfechos semelhantes: o exílio. Tal destino se apresentou somente pela tentativa das personagens de expressar seus desejos, sua liberdade e sua independência. Retomando o que foi dito anteriormente, Machado de Assis não explicita em sua obra detalhes da traição, da paternidade ou de qualquer outro elemento que possa suscitar dúvidas durante a leitura. É uma interpretação livre a cada leitor, sofrendo forte influência da época em que se lê. Para se apresentar uma investigação sobre supostos atos de traição da personagem, faz-se necessária uma análise mais profunda e minuciosa, ainda que tal discussão esteja fadada à subjetividade do leitor. Entretanto, o arquétipo de Lilith, isto é, o desejo por direitos e deveres do oprimido, está presente até os dias atuais na psique da mulher contemporânea.

## REFERÊNCIAS

- CELIDONIO, Eni de Paiva. **A paternidade em Dom Casmurro**: ocultamento e revelações. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/8659>>. Acesso em: 12 de mar. de 2020.
- DEL PRIORI, Mary; BASSANEZI, Carla (Orgs.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.
- KOLTUV, Barbara Black. **O livro de Lilith**. São Paulo: Cultrix, 1991.
- MACHADO, João Luis de Almeida. A situação das mulheres no século XIX: depoimentos e reportagens da época. **Planneta Educação**, fev. 2004. Disponível em: <<http://acervo.plannetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=203>>. Acesso em: 22 mar. 2020.
- MIKOSZ, José Eliézer. **A mulher e o mal**: A alma negativa, o mito de Lilith e a Santa Inquisição. **Húmus**, v. 6, n. 18, p. 140-149, 2016. Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/6331>>. Acesso em: 12 mar. 2020.
- RODRIGUES, Cátia Cilene Lima. **Lilith e o arquétipo do feminino contemporâneo**. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/217867734/LILITH-E-O-ARQUETIPO-FEMININO-CONTEMPORANEO>>. Acesso em: 15 mar. 2020.
- SCORCESE, Martin. **A época da inocência**. 1993. Disponível em: <<https://filmeestorrentshd.org/cult/aepoca-da-inocencia-1993>>. Acesso em: 15 mar. 2020.
- SICUTERI, Roberto. **Lilith**: a lua negra. Tradução: Norma Telles e J. Adolpho S. Gordo. São Paulo: Paz e Terra, 1998.